

Os ecos dos sons dos sinos portugueses em solo brasileiro: patrimônio cultural e preservação de memórias*



Urbano LEMOS JR**

Recibido: 2024-04-15 • Enviado a pares: 2024-05-08
Aprobado por pares: 2024-07-10 • Aceptado: 2024-08-02
<https://doi.org/10.22395/angr.v23n46a10>

Resumo

O artigo recupera episódios históricos para mostrar que, com a chegada do colonizador português em terras brasileiras, o sino passou a ser um elemento de comunicação e negociação com os indígenas. No entanto, se o sino era utilizado como um instrumento de sinalização pelo colonizador e símbolo de religiosidade para a Igreja Católica, em outra cultura ele assume outra funcionalidade e é empregado como objeto de percussão. Desse modo, o objetivo da pesquisa é mostrar que a linguagem dos sinos em solo brasileiro foi incorporando saberes e fazeres a partir da riqueza cultural dos africanos que foram trazidos ao Brasil no período da escravidão. Dessa forma, a pesquisa justifica-se em analisar a influência dos sons dos sinos portugueses ao longo dos anos na cultura brasileira. Para tanto, a metodologia da pesquisa compreende inicialmente a análise de como o sino era utilizado pela sociedade escravagista brasileira no início do século XIX. Em seguida, o estudo mostra como a linguagem dos sinos é ecoada na contemporaneidade por meio da narrativa transmídia e na realização de documentários interativos. O objeto da pesquisa é o projeto *Som dos Sinos*, que difunde expressões culturais de uma comunidade por meio da linguagem dos sinos. Conclui-se, portanto, que é possível e viável a utilização da tecnologia para preservar e difundir o patrimônio cultural presente na linguagem dos sinos brasileiros. Por meio da interatividade e da imersão, os usuários vivenciam escolhas narrativas com discursos textuais, audiovisuais, imagéticos e sonoros com caminhos navegáveis na imensidão da linguagem dos sinos.

Palavras-chave: patrimônio cultural brasileiro; narrativa transmídia; som dos sinos; folkmídia.

* Esta investigação foi realizada durante o doutorado em Comunicação, na Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Brasil, da qual faz parte o autor.

** Pós-doutorando em Comunicação na Universidade de São Paulo (USP), doutor em Comunicação e mestre em Ciências Humanas. Pesquisador nas áreas de Documentário, Narrativa, Transmídia e Patrimônios Culturais Brasileiros. E-mail: urbano.lemos@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7197-5580>

The echoes of the sounds of Portuguese bells on Brazilian land: cultural heritage and memory preservation

Abstract

The article recovers historical episodes to show that with the arrival of the Portuguese colonizer in Brazilian lands, the bell became an element of communication and negotiation with the indigenous people. However, if the bell was used as a signaling instrument by the colonizer and a symbol of religiosity for the Catholic Church, in another culture it takes on a different functionality and is used as an object of percussion. Thus, the objective of the research is to show that the language of the bells on Brazilian land incorporated knowledge and practices from the cultural richness of the Africans who were brought to Brazil during the period of slavery. Hence, the research is justified in analyzing the influence of the sounds of the Portuguese bells over the years in Brazilian culture. To this end, the methodology of the research initially comprises the analysis of how the bell was used by the Brazilian slave society in the early nineteenth century. The object of the research is the project *Sound of the Bells*, which disseminates cultural expressions of a community through the language of the bells. It is concluded, therefore, that it is possible and feasible to use technology to preserve and disseminate the cultural heritage present in the language of the Brazilian bells. Through interactivity and immersion, users experience narrative choices with textual, audiovisual, imagery and sound discourses with navigable paths in the immensity of the language of the bells.

Keywords: Brazilian cultural heritage; transmedia narrative; sound of bells; folkmedia.

Los ecos de los sonidos de las campanas portuguesas en suelo brasileño: patrimonio cultural y preservación de la memoria

Resumen

El artículo recupera episodios históricos para mostrar que con la llegada de los colonizadores portugueses a tierras brasileñas, la campana se convirtió en un elemento de comunicación y negociación con los indígenas. Sin embargo, si la campana fue utilizada como instrumento de señalización por el colonizador y símbolo de religiosidad para la Iglesia Católica, en otra cultura adquiere otra funcionalidad y se utiliza como objeto de percusión. Así, el objetivo de la investigación es mostrar que el lenguaje de las campanas en suelo brasileño fue incorporando conocimientos y prácticas de la riqueza cultural de los africanos que fueron traídos a Brasil durante el período de la esclavitud. Por lo tanto, la investigación se justifica en el análisis de la influencia de los sonidos de las campanas portuguesas a lo largo de los años en la cultura brasileña. Para ello, la metodología de la investigación comprende inicialmente el análisis de cómo la campana fue utilizada por la sociedad esclavista brasileña a principios del siglo XIX. El objeto de la investigación es el proyecto *Sonido de las Campanas*, que difunde las expresiones culturales de una comunidad a través del lenguaje de las campanas. Se concluye, por lo tanto, que es posible y factible utilizar la tecnología para preservar y difundir el patrimonio cultural presente en el lenguaje de las campanas brasileñas. A través de la interactividad y la inmersión, los usuarios experimentan opciones narrativas con discursos textuales, audiovisuales, imaginarios y sonoros con recorridos navegables en la inmensidad del lenguaje de las campanas.

Palabras clave: patrimonio cultural brasileño; narración transmedia; sonido de campanas; medios de comunicación folclóricos.

Introdução

O artigo apresenta episódios históricos que explicitam que, com a chegada do colonizador português em terras brasileiras, o sino passou a ser um elemento de comunicação e negociação com os indígenas que já viviam no país. Naquele momento, o sino era utilizado como um instrumento de sinalização pelo colonizador português e símbolo de religiosidade para a Igreja Católica.

No entanto, o sino assume outra funcionalidade e é empregado como objeto de percussão pelos africanos que foram forçadamente trazidos ao Brasil. Desse modo, o objetivo da pesquisa é mostrar que a linguagem dos sinos em solo brasileiro foi incorporando saberes e fazeres a partir da riqueza cultural dos africanos que chegaram ao Brasil no período da escravidão. Para tanto, o estudo recorre ao emprego do sino nas cidades históricas de Minas Gerais, no Brasil, considerados patrimônios culturais do país desde 2009. Nessas cidades, durante o período colonial, o ofício de tocar os sinos ficava a cargo dos escravizados que trouxeram suas referências musicais de matriz africana para os ritmos praticados nos campanários das igrejas católicas mineiras.

Dessa forma, a pesquisa justifica-se em ponderar a influência dos sons dos sinos portugueses ao longo dos anos na interculturalidade da amálgama brasileira. Para tanto, a metodologia da pesquisa compreende, inicialmente, a análise da forma em que o sino passou a ser utilizado pela sociedade escravagista brasileira no início do século XIX e a maneira em que ele foi sendo incorporado como instrumento de celebração, fé e resistência cultural.

Trazendo esses saberes e fazeres para os dias atuais, o estudo mostra como a linguagem dos sinos é ecoada na contemporaneidade por meio da narrativa transmídia e da formatação de documentários interativos. Desse modo, o objeto da pesquisa é o projeto *Som dos Sinos* que difunde expressões culturais de uma comunidade por meio da linguagem centenária dos sinos.

A pesquisa conclui, assim, a possibilidade da utilização da tecnologia para salvaguardar e difundir o patrimônio cultural brasileiro. Conforme veremos, por meio da interatividade e da imersão, os usuários vivenciam escolhas narrativas com discursos textuais, audiovisuais, imagéticos e sonoros com caminhos navegáveis na imensidão da linguagem dos sinos.

O sino na sociedade escravagista brasileira

Com a chegada do colonizador português em terras brasileiras, o sino passou a ser um eficaz elemento de comunicação e negociação com os indígenas. A inserção do sino no Brasil ocorreu de forma bastante natural, "visto que o índio era conhecedor

da comunicação através de sinais sonoros, e há indício de que instrumentos metálicos fossem de seu agrado, sobretudo guizos e campainhas obtidos nas negociações de troca”, lembra Maria do Carmo Vendramini (1981, p. 48). Além disso, o objeto auxiliava no processo de catequização dos indígenas, pois carregava os simbolismos da doutrina católica europeia.

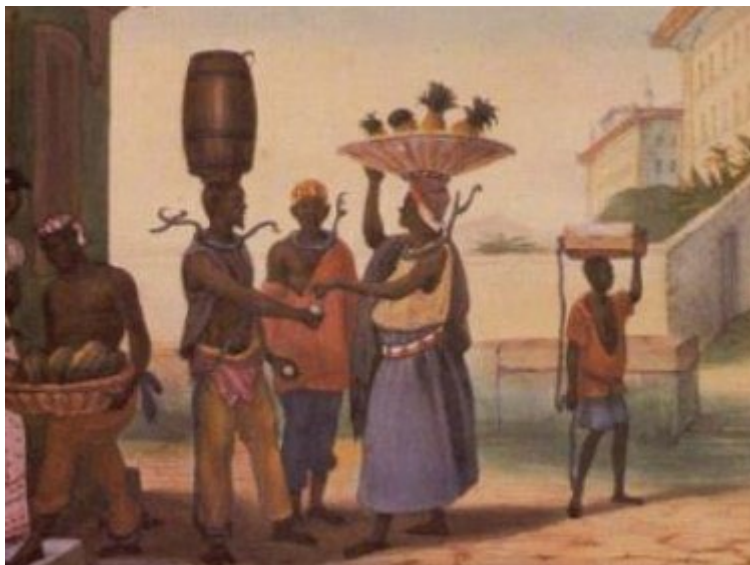
A bandeira da Cristandade se mostrava como uma das possibilidades para conquistar a nova terra e “um instrumento para usos e costumes portugueses” (Paiva, 2002, p. 33). A catequese era anunciada como o caminho da salvação e incluía toda ação pastoral da Igreja Católica. O objetivo era aporuguesar os índios, situando-os dentro da sociedade da época. No entanto, ele logo passa a ser utilizado em outras funções. Com a chegada dos escravizados, o sino incorpora outro sentido material e propósitos em benefício da exploração. Em uma das atribuições, o objeto aparece como um elemento de sinalização.

Segundo um artigo do historiador Flávio Gomes para a *Folha de S. Paulo*¹, o sino era uma forma de se comunicar e acordar os cativos. “Nas grandes propriedades, o início do dia de trabalho podia ser anunciado por um sino que soava estridente por todo o terreiro” (Gomes, 2003). Além desse episódio histórico, vale destacar o instrumento com outra serventia para a sinalização. Os feitores colocavam gargalheiras nos pescoços dos escravizados com a ideia de vigiá-los e puni-los. O instrumento servia para avisar a localização e evitar fugas dos escravizados. O objeto consistia em uma haste de ferro com uma sineta na ponta. O acessório objetivava indicar que aquele escravizado era um fugitivo em potencial, “facilitando a vigilância da sociedade sobre ele, além de servir como peça de humilhação pública”, alerta a historiadora Sharyse do Amaral (2007, p. 94).

São raros os documentos da época sobre o uso do objeto de vigilância, mas há significativos registros artísticos, como aqueles realizados pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret que, a convite da corte portuguesa, integrou a Missão Artística Francesa (1816). Debret e outros artistas tinham o objetivo de ensinar artes plásticas no Brasil e acabaram documentando aspectos da sociedade brasileira no início do século XIX. Ao retornar à França, o pintor publica *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, em 1834. O livro é dividido em três volumes e traz um retrato da vida cotidiana no país por meio de desenhos dos indígenas, dos negros e da corte brasileira.

1 No artigo, Flávio Gomes, historiador e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), descreve o dia de trabalho de um escravizado em uma fazenda no interior de São Paulo, no século XIX. Fonte: “O cotidiano de um escravo”. *Folha de S. Paulo*, caderno Mais!, 24 de agosto de 2003. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2408200306.htm>.

Figura 1. Prancha nº 42 de Debret, "O colar de ferro, castigo dos negros fugitivos"



Fonte: Debret, 1940, Prancha nº 42:253.

Se o sino era utilizado como um instrumento de sinalização pelo colonizador e de religiosidade para a Igreja Católica, em outra cultura ele assume outra funcionalidade e é empregado como objeto de percussão. Por meio de memórias da ancestralidade, grupos de escravizados encontram no sino um modo de resistência e identidade cultural.

O discurso racial e colonial corrente à época relacionava de maneira naturalizada pessoas negras e a força física para diferentes trabalhos. No entanto, os africanos trouxeram ao Brasil elementos na bagagem cultural que por meio de instrumentos se repercutiam em cantos e sonoridades mesmo em situações desumanas.

Flávio Gomes (2003) destaca que, no contexto colonial, os "ritmos do trabalho não tinham somente os sons do chicote e da gritaria imposta pelos feitores". Eles cantavam os vissungos, as cantigas africanas praticadas por escravizados. "Sob formas de versos cifrados, repetidos refrões e com significados simbólicos, [...] por meio das quais resenhavam suas vidas e expectativas e mesmo avisavam uns aos outros sobre a aproximação de um feitor", lembra Gomes (2003).

Os vissungos eram seguidos por diversos instrumentos como a cuíca, o caxixi, o gunga², o agogô³, entre outros. De acordo com o historiador Amailton Magno Azevedo (2016),

2 Gunga é um instrumento de percussão amarrado nos tornozelos dos dançantes. O objeto é feito de latas com furinhos e sementes.

3 Já o agogô é um instrumento formado por uma ou até quatro campânulas de ferro, percutida com uma vareta de madeira ou ferro. A palavra "agogô" é proveniente do iorubá e significa "sino" (Barros, 2000, p. 50).

os modos de tocar os “instrumentos no Brasil se mantiveram dentro de uma estrutura rítmica que se remete à região de Congo-Angola” (Azevedo, 2016, p. 247). O pesquisador destaca ainda que essa tradição são rastros da cultura rítmica que permaneceram; “apesar do tráfico, travessia, escravidão e exclusão social após a abolição” (Azevedo, 2016, p. 247).

Figura 2. Agogô com duas campânulas e vareta de ferro



Fonte: Dossiê 12: Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira (Barbosa, 2014, p. 111).

Os agogôs lembram muito a dinâmica mecânica dos sinos. Ao invés de ter um badalo que golpeia a parte interna da bacia para gerar o toque, o instrumento emite o som quando se bate do lado de fora das campânulas. Ele é usado em ritos e celebrações de origem africana para acompanhar a música e a dança. Outro objeto no qual também é possível constatar a dinâmica de comunicação por meio de uma sineta é a adja, que consiste em dois ou mais chocalhos de metal usados para chamar os orixás ou convidar às pessoas às cerimônias nas religiões africanas.

No entanto, da mesma forma que os objetos se aproximam pela similaridade com os sinos católicos, eles também se distanciam pelo contexto cultural. Contudo, foram muitas as contribuições dos africanos para a formação cultural brasileira.

Durante o período colonial brasileiro, são evidentes as violências presentes nas práticas de assimilação e mudança cultural. Os escravizados eram obrigados a assimilarem uma nova cultura, mas não deixaram de contribuir com seus conhecimentos e resistências à colonização.

Nesse contexto, os sinos são reincorporados e ressignificados com base na contracolônização, que fornece mecanismos para observar os modos de resistência de povos negros que não se permitiram colonizar (Santos, 2015).

Eles deixaram de ser utilizados apenas como um objeto que remetia à servidão e passaram a ser instrumentos de celebração, fé e resistência cultural. A historiadora Liana Maria Reis (2006) lembra que os escravizados trouxeram saberes que, com o tempo, foram sendo absorvidos pelos brasileiros.

Entre as contribuições, destaque para o folclore e a cultura religiosa, "componentes de nossa mesclada, diversa e difusa identidade nacional" (Reis, 2006, p. 12). A autora diz ainda que os saberes foram trazidos, compartilhados e propagados ao longo do tempo. O conhecimento dos africanos trazidos ao Brasil se difundiu na culinária, na alimentação, no vocabulário, na religião, entre outras áreas (Reis, 2006, p. 12). No entanto, o uso do conceito de "folclore" para análise dos contextos religiosos populares ou de matriz africana foi uma estratégia de esvaziamento dos sentidos plurais e dos fundamentos dessas práticas. Segundo Carneiro (1957), é evidente a presença e a influência do negro em quase todas as manifestações populares brasileiras, mas as variações de forma e de conteúdo "correspondem a modificações na composição social e nos motivos de interesse do povo e na estrutura econômica da sociedade".

No âmbito religioso instaurado durante o período colonial brasileiro, a contribuição material dos escravizados à cultura brasileira é evidenciada tanto na edificação de igrejas quanto na mineração. Os escravizados eram grandes conhecedores do setor mineralógico, "provavelmente trazidos dos campos auríferos da África ocidental" (Reis, 2006, p. 15). A autora diz que os africanos trouxeram duas importantes técnicas que foram bastante utilizadas na mineração nas Minas Gerais do século XVIII: o cadinho e o trabalho em fornos.

Além disso, a mão de obra empregada tanto nas atividades mineradoras quanto na construção de igrejas católicas era um elemento primordial para o estabelecimento do poder eclesiástico nos arraiais e nas vilas no período colonial brasileiro. No esteio dessa atividade, a linguagem dos sinos se manifesta como ponto de intersecção entre a exploração escravagista e a organização eclesiástica — um aspecto significativo decorrente das relações culturais. Outro ponto a ser analisado é que a labuta na mineração e a consequente construção de igrejas evidenciam os saberes materiais trazidos pelos africanos ao Brasil. Esses saberes foram evidenciados em diversas exteriorizações culturais, entre elas, o toque dos sinos brasileiros.

Nas cidades mineiras coloniais, o ofício de tocar os sinos "na América portuguesa ficava, na maioria dos casos, a cargo da escravaria", esclarece o *Dossiê 16: O Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro em Minas Gerais* (Barbosa, 2016, p. 38). A publicação

ainda destaca a forte ingerência de ritmos de matriz africana em diversos toques de sinos durante o período colonial no país. Essa relação parte da materialidade do objeto empregado em uma cultura majoritariamente católica, para a imaterialidade do saber e do fazer que os cativos efetivaram. Um dos indícios dessa afirmação é atestado pela denominação de alguns dos toques dos sinos: "Barravento — nome homônimo de toques ou ritmos de terreiros de candomblé e capoeira —, Batucada e Batuquinho, por exemplo" (Barbosa, 2016, p. 38).

Portanto, a influência da musicalidade do povo negro foi logo incorporada aos toques dos sinos brasileiros. A maneira e a forma com que os sinos eram tocados nas cidades históricas de Minas Gerais, no Brasil, estão diretamente relacionados com a adoção de diversos ritmos, sobretudo de matriz africana. Além disso, há significativas referências populares aos nomes dos toques dos sinos, como "repique de cabeça" (Andrade, 1989, p. 437), "feijão com molho" e "mocotó sem sal" (Barbosa, 2016, p. 39).

De acordo com o manual *Entendendo os Sinos*⁴, o objeto desempenha três funções sociais (Moreira, 2018): a *função religiosa*, executados como marca litúrgica; a *função sinalizadora*, com a "execução sem necessidade religiosa", apenas com caráter de comunicação, e a *função percussão*, que é utilizada com finalidades musicais. Percebe-se, portanto, um emaranhado de referências tanto na imaterialidade quanto na materialidade dos sinos.

A tradição secular ecumênica dos sinos é trazida pelos portugueses, mas em solo brasileiro a pujança dos sons dos sinos logo se reincorpora com o vigor da riqueza cultural de africanos que foram forçadamente trazidos ao Brasil no período da escravidão, principalmente de países como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Desse modo, falar da origem dos sinos é tratar, inevitavelmente, de um processo histórico milenar do ser humano na busca por formas distintas de representação/comunicação e é o que trataremos a seguir.

A linguagem dos sinos ecoada por meio da narrativa transmídia

A linguagem presente no toque dos sinos brasileiros faz parte de um sistema de comunicação secular e está diretamente relacionada às influências do catolicismo trazido pelo colonizador, assim como as manifestações da cultura africana presentes no país. Um emaranhado de saberes e fazeres que foram sendo incorporados e hoje fazem parte do vasto e significativo repertório da cultura popular brasileira.

4 O manual *Entendendo os Sinos* foi lançado em agosto de 2018, durante o III Encontro de Sineiros de Minas Gerais, na cidade de Congonhas (MG), Brasil. O material foi organizado por Corina Rodrigues Moreira. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Entendendo_os_Sinos.pdf.

Desse modo, a partir da teoria folkcomunicação, a presente pesquisa analisa o projeto *Som dos Sinos*⁵ que surgiu após o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) realizar um estudo e apresentar para o Conselho Consultivo do Patrimônio em 2009, o registro da forma de expressão cultural presente no Toque dos Sinos, assim como os saberes do Ofício de Sineiro, reconhecidos como patrimônios culturais do Brasil.

A pesquisa teve como objetivo salvaguardar a manifestação cultural dos sinos em nove cidades históricas de Minas Gerais, no Brasil: São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes, todas surgidas no período colonial do país, nos séculos XVII e XVIII.

De acordo com o Iphan, o toque do sino é uma significativa forma de expressão e "agencia processos de construção de identidades legitimadas socioculturalmente" (Barbosa, 2016, p. 22). Esses processos estavam originalmente relacionados à vida religiosa das comunidades, mas hoje ultrapassam essa dimensão, abrangendo sentidos e significados com a "possibilidade de reconhecimento desse bem como patrimônio" (Barbosa, 2016, p. 22).

Ao longo dos anos, os sinos foram adquirindo prestígio por exercerem importantes funções sociais, tocados em ocasiões de grande alegria (nascimento, missas, casamentos, entre outros), em casos de perigo para a comunidade (incêndio, proximidade de vendavais), de tristeza (sepultamentos e missas fúnebres) ou de marcação das horas. Segundo Jurema Machado, ex-presidente do Iphan (2012-2016), é atribuído aos toques dos sinos significados que estabelecem diálogos e "transmitem mensagens de alegria e tristeza, de chamamentos, de marcação de tempo que se gravam no cotidiano das pessoas e na paisagem da região" (Machado, 2016, p. 11).

No total, são mais de 40 tipos de toques de sinos, que formam uma linguagem sonora na qual moradores das cidades brasileiras do Estado de Minas Gerais se comunicavam, "sobretudo, entre os séculos XVII e XIX", destacam Márcia Mansur e Marina Thomé (2019, p. 329), responsáveis pelo projeto transmídia *Som dos Sinos*. Desse modo, a prática de tocar os sinos é secular e assume um papel social, passando desde o anúncio de mortes, nascimentos, datas comemorativas, marcação de horas, entre outros eventos. Os toques mais conhecidos são *Toque de Cinzas*, *Toque de Finados*, *Toque de Passos*, *Glória de Quinta-feira Santa*, *Toque da Ressurreição*, *Ângelus*, *Toque de Exéquias*, *Toques de Incêndio*, *Toques de Agonia*, *Toques Fúnebres*, *Toques Festivos*, *Toque de Parto*, *Toque de Posse de Irmandade*, *Toque de Almas*, *Toque de Missas*, *Toque de Natal*, *Toque de Ano Novo*, *Toque da Morte do Senhor*, entre outros.

5 Projeto disponível na página www.somdossinos.com.br.

Vale lembrar que o Toque dos Sinos e o Ofício dos Sineiros foram reconhecidos pelo Iphan como patrimônios culturais em 2009, sendo catalogados em dois livros⁶: *Livro de Registro dos Saberes* e *Livro de Registro de Formas de Expressão*. Segundo a instituição, os bens culturais registrados não pertencem apenas aos moradores das cidades mineiras contempladas com o dossiê, mas são patrimônios culturais de todos os brasileiros (Barbosa, 2016, p. 28).

Até janeiro de 2021, havia 47 bens culturais imateriais registrados pela instituição. O primeiro registro de natureza imaterial foi realizado em 2002 e contempla o saber envolvido na fabricação artesanal de painéis de barro das artesãs do bairro de Goia-beiras Velha, em Vitória, no estado do Espírito Santo. O bem cultural foi registrado no *Livro de Registro de Saberes*. O processo de fabricação das painéis de barro é bastante peculiar e não utiliza torno nem forno. A modelagem é feita pelas mãos das artesãs, que transformam o barro em painéis. Após isso, "os objetos são queimados em fogueiras a céu aberto e não em fornos, e neste momento um tipo de tintura natural denominada tanino é utilizada como impermeabilizante, processo que dá resistência e escurece a painél" (Souza, 2016, p. 20).

Já o Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro foram registrados como bens culturais pela instituição brasileira na 17ª e 18ª posição. Goulart e Cardoso (2013, p. 101) destacam algumas impossibilidades em querer fomentar a permanência do conhecimento acerca da manifestação cultural dos sinos. Segundo os autores, o conhecimento recai na materialidade e na presença do sino, haja vista que "sem que se tenha o objeto sino à disposição dos mestres sineiros e dos aprendizes deste conhecimento", o patrimônio imaterial estaria comprometido.

Atualmente existem diversas discussões acerca das relações intrínsecas entre a materialidade e a imaterialidade na proteção de bens culturais. Em entrevista com a então presidente do Iphan, Kátia Bogéa (2016-2019), foi perguntado sobre a importância da salvaguarda dos sinos para além da representatividade material. Segundo a historiadora, não há conhecimento de outras ações em outros países para salvaguarda do patrimônio que privilegie o elemento humano no contexto cultural que envolva os sinos. A pesquisadora destaca ainda que a presença dos sinos enquanto uma referência cultural não ocorre apenas no Brasil, "se considerarmos o quanto a religião católica se difundiu no mundo associada às missões de colonização de outros povos em todo o mundo, como no caso brasileiro" (Bogéa, 2018 *apud* Lemos Jr. & Gosciola, 2018, p. 94).

Desse modo, o artigo mostra a importância da salvaguarda do patrimônio cultural presente nos sons dos sinos brasileiros. Um patrimônio que se manifesta de forma

6 Os patrimônios culturais são os bens de natureza imaterial registrados pelo Iphan. O registro de bens de natureza imaterial foi instituído a partir do Decreto 3.551/2000.

imaterial, mas que tem na materialidade parte significativa da sua pujança, já que além da representatividade cultural, os sinos também integram o conjunto arquitetônico das cidades históricas brasileiras.

Nesse contexto, o patrimônio cultural se manifesta em diversos espaços a partir de um emaranhado de saberes presentes na sociedade brasileira. Na atualidade, o conhecimento sobre um determinado bem cultural encontra nas possibilidades tecnológicas um ambiente adequado para difusão e perpetuação alicerçado em narrativas transmidiáticas, documentários interativos e comunidades virtuais.

Segundo Alfredo D'Almeida, o conceito de transmídia na folkcomunicação se refere a uma área de estudo "em que se investiga a presença de elementos da cultura popular na mídia de massa e a maneira pela qual os sujeitos dos meios de comunicação (re)interpretam e utilizam esses elementos" (D'Almeida, 2003). Já o pesquisador Marcelo Sabbatini (2011) destaca que a convergência midiática passa a fomentar comunidades virtuais e a "interatividade do meio digital permitiria que o tradicional receptor, elemento passivo do processo comunicacional, se transformasse em um receptor-emissor, capaz de produzir a mensagem, ao mesmo tempo em que a consumisse" (Sabbatini, 2011, p. 42).

Tanto os toques dos sinos quanto o modo específico de tocá-los são caracterizados como manifestações culturais que consistem no compartilhamento de significativos modos de comunicação. Esse reconhecimento permite vislumbrar a diversidade e, mais do que isso, "permite que a identidade, a memória e as referências culturais dessa comunidade sejam reconhecidas" (Bogéa, 2018 *apud* Lemos Jr. & Gosciola, 2018, p. 95). Logo, o registro como patrimônio cultural imaterial é fundamentado na história, no recorte territorial e na singularidade da expressão nas diferentes cidades onde ainda se mantém essas tradições e saberes populares.

Assim, percebe-se que os sinos e o ofício de sineiro são representados em diferentes tempos e com distintas funcionalidades. Os sinos das igrejas católicas mineiras referenciados como patrimônios imateriais servem de modelo de um bem cultural que se reverbera para além da dimensão espacial, uma manifestação social que ressoa por meio de sons, saberes e fazeres seculares.

Digitalizando sons e saberes: projeto Som dos Sinos

No projeto *Som dos Sinos*, o usuário vivencia uma experiência a partir de uma navegação construída por hiperlinks que conectam conteúdo a partir de elementos visuais e sonoros. O projeto contempla nove cidades brasileiras onde ainda se mantém a tradição em torno dos sinos. A narrativa transmídia presente no projeto abrange, além da plataforma multimídia com documentários independentes entre si, áudios

dos sinos e fotografias das comunidades apresentadas. De acordo com Sabbatini, os meios de comunicação não são destituídos pelas possibilidades tecnológicas, mas há uma “tendência de complementação, mais do que substituição” (Sabbatini, 2011, p. 45).

Em 2019, Jéssica Cruz, da Rede de Jornalistas Internacionais⁷, realizou uma entrevista com um dos maiores pesquisadores sobre o universo da narrativa transmídia. O catalão Arnau Gifreu esteve na Mostra Bug, primeiro evento voltado para debater projetos interativos e transmídia, e destacou a importância do projeto. Segundo Gifreu, a produção no país ainda é incipiente, mas existem importantes iniciativas, como o documentário *Autorretrato*, realizado pela Cross Content. “E mais recentemente, o *Som dos Sinos*, que para mim é a primeira grande obra, que marca um antes e depois, em nível de estética, no campo de transmídia no Brasil” (Gifreu, 2019 *apud* Cruz, 2019).

Figura 3. Abertura da plataforma multimídia *Som dos Sinos*



Fonte: site do projeto — www.somdossinos.com.br.

O projeto *Som dos Sinos* foi premiado na 29ª edição do prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, em 2016, na categoria “Iniciativas de Excelência em Técnicas de Preservação e Salvaguarda do Patrimônio Cultural”. De acordo com uma publicação desenvolvida para apresentar os vencedores da premiação, o projeto *Som dos Sinos* é uma proposta diferente com resgate de um patrimônio secular. O material foi redigido por Elza Pires de Campos (2016) que destaca as particularidades do projeto:

Além dos diferentes toques de sinos de igrejas católicas centenárias, Márcia e Marina perceberam em andanças e entrevistas com os sineiros que há uma nova geração de tocadores de sinos que está conectada e utiliza bastante

7 O título da entrevista com Arnau Gifreu é *Documentários florescem com impacto social e interatividade na América Latina*, que foi publicada em março de 2019 e está disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/document%C3%A1rios-florescem-com-impacto-social-e-interatividade-na-am%C3%A9rica-latina>.

a internet. Daí, para valorizar esta profissão e perceber que o sino seria um elemento multimídia forte e rico foi apenas um passo. (Campos, 2016)

E por falar em nova geração, nada melhor que entender como se estrutura o projeto que parte dos campanários direto para o mundo virtual. O projeto começou a ser desenvolvido em 2014 com visitas das idealizadoras, Márcia Mansur e Marina Thomé, às cidades históricas brasileiras onde ainda se mantém a tradição do toque dos sinos.

No entanto, foi somente em maio de 2016 que a plataforma e o documentário foram oficialmente lançados. Além da plataforma multimídia (www.somdossinos.com.br), foram desenvolvidos mais quatro projetos (documentário transmídia, documentário linear, cinema itinerante e aplicativo para dispositivos móveis). Ao mesmo tempo em que os projetos são independentes, eles dialogam entre si. O documentário transmídia, denominado de *O Universo das Torres*, é acessado ao clicar na aba "Micro-histórias" e, logo de início, o usuário é convidado a participar, conforme informado na plataforma:

Antes eles marcavam tempo da vida das cidades do Brasil, hoje tocam mais tímidos, sem tanta certeza do futuro, com quem quer escutá-los. Você está convidado a viajar, no seu próprio ritmo, por este patrimônio imaterial brasileiro. Coloque o fone de ouvido e suba ao campanário. (Mansur & Thomé, 2016)

As primeiras imagens do documentário mostram um sineiro subindo no campanário para tocar os sinos. É como se o documentário proporcionasse aos usuários uma viagem interativa para o alto das igrejas católicas centenárias. Ao chegar no campanário, por intermédio da navegação interativa, o sineiro toca o sino e três novas possibilidades se colocam para o usuário: Ver os Toques, Conhecer os Sineiros ou Descobrir os Sinos. O usuário escolhe a forma na qual quer ver o documentário transmídia por meio de opções de navegabilidade e da possibilidade de interação com o material da plataforma.

Em Ver os Toques é possível ver os toques serem executados com a possibilidade de escolher oito opções: Alvorada; Missa; Batuque; Sinfonia; Entardecer; Dobres; Festa e Procissão. Já em Conhecer os Sineiros é necessário subir a torre, para isso, o usuário utiliza as setas do teclado ou o *scroll* do mouse. Nesse momento, há a opção de conhecer as histórias de nove sineiros das cidades mineiras de Serro, Sabará, Tiradentes, Mariana, São João del-Rei, Ouro Preto e Diamantina.

A tecnologia utilizada no projeto é a *Parallax*⁸ "e se constitui em produto versátil e gratuito para projetos de Educação Patrimonial em escolas" (Campos, 2016).

8 O efeito *Parallax* é uma possibilidade tecnológica para web design. Consiste em otimizar a experiência de navegação do usuário. Nele, o plano de fundo se movimenta em ritmo mais lento se comparado ao primeiro plano da página. O efeito foi inspirado em desenhos e jogos de videogames antigos. A ideia é dar a sensação de imersão ao usuário. Segundo Dias e Oliveira (2016, p. 1), o efeito *Parallax* é a "diferença na posição dos objetos vistos em diferentes faixas de visão, medido pelo ângulo de inclinação entre as faixas, dando uma perspectiva de teatro como visto no jogo

Por fim, a última aba do documentário transmídia é Descobrir os Sinos. Nesse momento, é apresentado ao usuário a história do sino e, consecutivamente, curiosidades que envolvem os toques dos sinos. Por meio de imagens, sons e textos, é possível navegar em sete categorias, tendo o sino como elemento central: História; Minérios; Fundação; Corpo do Sino; Vibração; Harmonia; Toques e Dobres.

Figura 4. Aba Descobrir os Sinos do documentário transmídia *O Universo dos Sinos*



Fonte: site do projeto — www.somdosinos.com.br.

De acordo com Sabbatini (2011), a narrativa transmídia se dá pelo cruzamento de múltiplas mídias e plataformas, além de privilegiar a interatividade dos usuários. "Neste sentido, uma mesma história deriva em vários produtos midiáticos" (Sabbatini, 2011, p. 47).

Já na aba Sons é possível selecionar uma das nove cidades e escutar o toque dos sinos por meio de barras coloridas que indicam os diferentes tipos de áudios (Toques, Comunidades, Sineiros e Celebração). Cada barra é um som. O usuário navega pela onda sonora que escolher. Há a possibilidade de filtrar por cidade, baixar os toques dos sinos em *Creative Commons* e compartilhar qualquer som. De acordo com Campos (2016), por conta da disponibilização dos sons dos sinos, os usuários podem "aprender, ouvir, interagir e até baixar os sons em seus celulares".

Segundo Denis Renó (2011), o ambiente hipermediático é composto por um "coletivo de informações multimidiáticas que estão dispostas, ou planejadas, de forma não linear, e a leitura destas pode ser feita de forma planejada, ou conduzida pelo espectador/usuário" (Renó, 2011, p. 37). Trata-se, portanto, de um processo aberto

Super Mario Bros 3".

"construído de forma colaborativa por cidadãos-usuários ativos e em rede", (Campalans, Gosciola & Renó, 2014, p. 114).

A terceira aba é Videocartas e foi pensada para o usuário interagir com o projeto, montando uma carta virtual com pequenos vídeos. Para participar, basta escolher cinco cenas de vídeos, das 32 disponíveis; escolher uma trilha sonora das três opções disponíveis e, por fim, preencher o campo "Conte sua história" e inserir o e-mail da pessoa que receberá a videocarta. "Ao fim, o próprio site gera um vídeo de 30 segundos, que pode ser compartilhado pelo internauta" (Campos, 2016).

Desse modo, o projeto contribui para o entendimento das reverberações que a narrativa transmídia possibilita em temas que envolvam a preservação e o registro da memória histórica, visual e sonora, considerados patrimônios de um povo. A difusão do conhecimento sobre um bem imaterial de maneira digital contribui com a preservação e a difusão do patrimônio cultural brasileiro. A análise proporciona novos olhares sobre a elaboração de projetos transmídia e sobre processos de digitalização e criação que singularizam e constituem temáticas sobre preservação de saberes centenários.

Considerações

A concepção de tocar os sinos com finalidades ecumênicas e, conseqüente, controle da população, foi trazida pelos colonizadores portugueses, que deixaram em solo brasileiro o legado do badalar dos sinos como uma forma de comunicar e catequisar os preceitos da doutrina católica europeia. Os sinos chegam em terras brasileiras como uma imposição colonial, mas logo são ressignificados a partir de saberes estratégicos e de resistência de povos que viriam a ser colonizados.

No entanto, o processo comunicacional em torno da linguagem dos sinos está diretamente ligado à ideia de folclore, já que o conhecimento presente no modo de tocar os sinos e os significados dos sons dos sinos para a comunidade integram uma sabedoria popular passada de geração a geração.

Trata-se, portanto, de uma influência simbólica na construção e estruturação da realidade popular, "ocasionando, portanto, uma integração não só no campo religioso, mas também no campo social" (Teixeira, 2013, p. 60). Assim, a ideia de folclore é um produto histórico, uma ação cultural que integra as distintas relações sociais. Logo, o ato folclórico é um resultado de resistência e da identidade cultural às representações sociais ao longo dos anos.

Segundo Carneiro (1977), a concepção folclórica é resultado direto da comunicação e das relações pessoais. A ação está diretamente relacionada com a língua, com

o sentimento religioso, com a ideia de nação, educação e cidadania. E se tratando de um processo social, "o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar, agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais ao seu tempo" (Carneiro, 1977, p. 2). Desse modo, o etnólogo evidencia que folclore é sempre uma acomodação, um comentário, uma reivindicação cultural.

De acordo com Sabbatini (2011), na contemporaneidade essa ideia é ampliada para uma perspectiva folkcomunicação das mídias convergentes. A perspectiva é que indivíduos "ou grupos tradicionalmente excluídos do processo de comunicação de massa da Era Industrial encontrem sua voz e sua vez, em outras palavras, que construam sua identidade nos espaços digitais" (Sabbatini, 2011, p. 46). O autor resalta ainda a possibilidade de preservação de patrimônios imateriais presentes na cultura popular por meio da adoção de "mecanismos alternativos de comunicação" e na "aplicação das narrativas transmídia a este contexto" (Sabbatini, 2011, p. 49).

Já Renó (2011, p. 61) lembra que a interatividade faz parte da pós-modernidade e "limitar-se a conscientizar a respeito de algo é pouco. É preciso participar do processo, de alguma forma, ter a liberdade de escolher os caminhos a seguir". O autor ainda destaca que "os processos interativos estão em diversos campos da comunicação contemporânea e podem ser percebidos de diversas formas" (Renó, 2011, p. 75). Segundo o autor, essa é a "essência da sociedade pós-moderna, ser interativa, pois a passividade já não faz parte de seu perfil comportamental. Com isso, novos e velhos procedimentos comunicacionais estão transformando-se" (Renó, 2011, p. 75).

Dessa forma, a pesquisa mostra que é possível e viável a utilização da tecnologia para preservar e difundir o patrimônio cultural brasileiro. Por meio da interatividade e da imersão, os usuários vivenciam escolhas narrativas com discursos textuais, audiovisuais, imagéticos e sonoros através de caminhos navegáveis na imensidão do mar dos sinos. A narrativa transmídia se coloca como um elemento a mais para o envolvimento da importância dos sons dos sinos enquanto manifestação cultural, uma parte significativa para o entendimento do todo.

Assim, a pesquisa constata que a narrativa transmídia, ao ser elaborada e desenvolvida exclusivamente para o ambiente virtual, contribui para a preservação cultural de forma dinâmica e interativa. Por meio da multiplicidade de suportes midiáticos, é possível ter acesso ao som dos sinos, às fotos das comunidades abordadas e a uma diversidade de textos sobre os sinos e sobre o ofício dos sineiros. Os sinos que tocam no interior do Brasil reverberam em ambiente digital em saberes e fazeres tradicionais e trazem consigo ecos da nossa identidade brasileira.

Referências

- Amaral, S. P. A. (2007). *Escravidão, liberdade e resistência em Sergipe: Cotinguiba, 1860-1888* (tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia.
- Andrade, M. (1989). *Dicionário musical brasileiro*. Itatiaia; MinC; Edusp.
- Azevedo, A. M. (2016). O canto dos escravos: heranças centro-africanas na música contemporânea do Brasil. *Revista Opsi*, 16(1), 238-251. Doi: <https://doi.org/10.5216/o.v16i1.36694>
- Barbosa, Y. (2014). *Dossiê 12: Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira*. Iphan.
- Barbosa, Y. (2016). *Dossiê 16: O Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro em Minas Gerais: tendo como referência as cidades de São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes*. Iphan.
- Barros, J. F. P. (2000). O *banquete do rei. Olubajé*: uma introdução à música afro-brasileira. Ao Livro Técnico.
- Campalans, C., Gosciola, V. & Renó, D. (Orgs.). (2014). *Narrativas Transmedia: Entre teorías y prácticas*. Universitat Oberta de Catalunya.
- Campos, E. P. (2016). *Revista da 29ª edição do prêmio Rodrigo Melo de Andrade*. Iphan.
- Carneiro, E. (1957). *A sabedoria popular*. MEC/INL.
- Carneiro, E. (1977). *A dinâmica do folclore*. Civilização Brasileira.
- Cruz, J. (2019). Documentários florescem com impacto social e interatividade na América Latina – entrevista com Arnau Gifreu. *Rede de Jornalistas Internacionais*, Jornalismo Multimídia, 20 de mar. 2019. Disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/document%C3%A1rios-florescem-com-impacto-social-e-interatividade-na-am%C3%A9rica-latina>.
- D'Almeida, A. D. (2003). FolkMídia. *VI Conferência Brasileira de Folkcomunicação/Rede FolkCom/Cátedra Unesco – Anais*. Faculdade de Filosofia de Campos.
- Debret, J. B. (1940). *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Martins.
- Dias, P. G. W. & Oliveira, L. A. (2016). Desenvolvimento de um jogo do gênero running brasileiro. *5ª Jornada Científica e Tecnológica da Fatec de Botucatu*, São Paulo.
- Gomes, F. (2003). O cotidiano de um escravo. *Folha de S. Paulo*, Mais! 24 de ago. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2408200306.htm>.
- Goulart, P. & Cardoso, A. (2013). Patrimônio Cultural Imaterial e Direitos Culturais: sentidos do discurso. *Teoria e Sociedade*, 21, jan-jun, 95-117.
- Lemos Jr., U. & Gosciola, V. (2018). Limites e possibilidades na preservação do patrimônio cultural brasileiro: uma conversa com Kátia Bogéa, presidente do Iphan. *Revista Arqueologia Pública*, 12(3), 86-96. Doi: <https://doi.org/10.20396/rap.v12i1.8652406>
- Machado, J. (2016). Apresentação. In Y. Barbosa. *Dossiê 16: O Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro em Minas Gerais: tendo como referência as cidades de São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes*. Iphan.
- Mansur, M. & Thomé, M. (2016). *Sons dos Sinos*. Disponível em: www.somdossinos.com.br.

- Mansur, M. & Thomé, M. (2019). "O Som dos Sinos" – uma experiência com o uso de novas mídias para promoção do patrimônio imaterial. *PROA – Revista de Antropologia e Arte*, 1(9), 329, 330.
- Moreira, C. R. (2018). *Entendendo os Sinos*. Iphan MG.
- Paiva, J. M. (2002). Catequese dos índios e imposição cultural – Brasil, século XVI. *Revista Comunicações*, 9(2), 17-36.
- Reis, L. M. (2006). Africanos no Brasil: saberes trazidos e ressignificações culturais. *Cadernos de História*, 8(10), 11-23. Doi: 10.5752/1749
- Renó, D. (2011). *Cinema documental interativo e linguagens audiovisuais participativas: como produzir*. Editora Universidad de La Laguna.
- Sabbatini, M. (2011). A Folkcomunicação na era da convergência midiática digital: da folksonomia às narrativas folkmidiáticas transmídia. *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional* (Impresso), 15, 41-54.
- Santos, A. B. dos. (2015). *Colonização, quilombos: modos e significações*. INCT/UnB.
- Souza, L. C. (2016). *Sem torno, nem forno: o processo de institucionalização da categoria imaterial do patrimônio e o caso das Paneleiras de Goiabeiras (1936-2013)* (dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Doi: DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2016.968692>
- Teixeira, E. R. S. (2013). *Folccomunicação e os estudos da devoção religiosa como manifestação comunicacional com o sagrado* (dissertação de mestrado). Universidade Metodista de São Paulo.
- Vendramini, M. C. (1981). *Sobre os sinos nas igrejas brasileiras. Musicae Sacrae Brasiliensis*. Urbaniana University Press.